



ICONOGRAFIA DA SEXUALIDADE NA CULTURA ROMANA

RUI MORAIS

Universidade do Minho

rmorais@uaum.uminho.pt

1. Introdução

Imagens que de um certo modo podem ser definidas eróticas encontram-se com frequência no mundo romano. Para além das fontes escritas reunidas em pelo menos quatro categorias (textos jurídicos, tratados de medicina, poesia e discursos políticos), diferentes são os suportes iconográficos que chegaram até nós cuja temática está relacionada com o erotismo e o sexo romano: pinturas murais, esculturas, mosaicos, cerâmicas, pratos, gemas, vidros, moedas, entre outros. Infelizmente, outro tipo de suportes, como os famosos manuais que serviram de modelo e de inspiração e os pequenos quadros (*tabellae*) colocados nas paredes – perceptíveis nalgumas pinturas murais, espelhos de bronze e medalhões de aplique – não chegaram até nós¹. São, no entanto, bastante abundantes e sobejamente conhecidas as imagens das pinturas murais e de outro tipo de suportes que com frequência constam dos estudos da especialidade.

Na Primavera de 2000 Nápoles atraiu muita gente com uma nova ala expositiva intitulada *Eros em Pompeia – a Colecção de Arte erótica no Museu Nacional de Nápoles*. Aí se mostra a colecção secreta outrora reunida no *Gabinete de objectos obscenos* criado em 1819 e que durante a maior parte da sua existência esteve encerrada ao público. A visita a esta nova ala expositiva, conhecida como *Gabinetto Secreto*, é apenas possível mediante reserva. O levantamento do bilhete, gratuito, é feito na entrada do Museu, junto ao vestuário.

A história do *Gabinetto Secreto* que nos conduz indirectamente à posse de antiguidades de um papa é excitante. Algumas peças provêm da colecção Farnesi, o

¹ Clarke, 2001; 2003.

Alessandro Farnessi, o posterior papa Paulo III (1534-1549) que as trouxe para Roma na primeira metade do século XVI. Posteriormente parte desta colecção volta de novo para Nápoles. Mais tarde vão sendo reunidas em Nápoles outras peças com motivos considerados imorais. De entre outras, a peça de maior impacto corresponde à famosa escultura de Pã, no acto de penetrar uma cabra. Esta peça encontrada em 1752 em Herculâneo causou imediato furor. Ainda assim, em 1762, Winckelmann refere nos seus escritos que «a figura não pode ser visitada sem autorização expressa do rei, autorização essa que ninguém até à data pediu; eu também não queria ser de todo o primeiro». O mesmo pensavam outros viajantes quando visitavam o *Museu dei Portici* nas frequentes viagens, de *grand tour*, que se faziam a Roma e às cidades da Campânia. Não consta que esta peça tivesse sido vista em 1787 por Goette, aquando da sua visita àquele Museu².

2. O mundo das crenças

A primeira paixão conhecida nos primórdios da Roma antiga, deve-se ao amor súbito do deus Marte pela «vestal» Reia Sílvia. Desta teriam nascido dois gémeos, Rómulo e Remo, os míticos fundadores da cidade. Conhecida a história alguns interpretes mal intencionados já em época romana afirmavam que a celebrada loba que se teria apiedado dos gémeos expostos não seria senão uma beldade rústica cujos favores sexuais prestados aos pastores da vizinhança lhe teria valido o nome de «loba», a designação vulgar das cortesãs³. Esta acepção do termo explica o sentido do termo *lupanar*, que designa as casas de prostituição mal afamadas dos romanos. Temos que admitir que as origens de Roma, sob esta perspectiva, não são propriamente edificantes.

Da análise da iconografia erótica do mundo romano facilmente se constata que o símbolo mais frequente é representado pelo falo. A vulva, como símbolo, encontra-se raramente representada e poucos são os exemplos conhecidos. No entanto, como adverte Otto Brendel⁴, num estudo intitulado *A arte erótica no mundo greco-romano*, seria apressado concluir que este mundo foi predominantemente masculino. Conhecemos outros factos que são contrários a um juízo mais genérico ou, pelo menos, aconselham a atenuar esta ideia. Como refere o autor, ainda que a direcção dos negócios públicos fossem domínio essencialmente masculinos e o mercado e as palestras fossem lugares quase sempre reservados aos homens, o contributo feminino no produto universal chamado cultura foi considerável e, no conjunto, nada negligenciável.

² Dierichs, 2002, 221-224.

³ Grimal, 1995, 28.

⁴ Brendel, 1983, 212.

Os romanos tinham festivais reservados às mulheres, análogos às Tesmofórias dos atenienses, nos quais a embriaguês, os gestos obscenos e o comportamento desviante era o normal. De entre os mais celebrados, destaca-se o culto à Fortuna Viril (*Fortuna Virilis*), um culto relacionado com a fertilidade sexual das mulheres. No primeiro dia do mês de Abril multidões de mulheres reuniam-se nos banhos públicos frequentados pelos homens para cerimónias em honra desta deusa⁵.

Havia ainda festas específicas das matronas, conhecendo-se, por exemplo, as *Matronalia*, celebradas no dia 1 de Março, as *Nonas Caprinae*, celebradas a 7 de Julho, as *Bona Dea*, que ocorriam no início de Dezembro. Os homens estavam proibidos de assistir a esta última, sob pena das mais graves sanções, bem como seria interdito introduzir o menor ramo de murta ou pronunciar a palavra «vinho». O vinho a ser utilizado nas libações em honra desta deusa era designado «leite» e os vasos que o continham eram chamados «potes de mel»⁶.

Mas, como acima referimos, o símbolo mais frequente é representado pelo falo. Este era celebrado nos campos desde tempos remotos, conhecendo-se, entre o povo, a crença num poder mágico do falo, como salvaguarda das colheitas, ao qual se atribuía o nome *fascinus*. Tratava-se de uma espécie de ídolo fálico que se conservava no *penus* e exibido publicamente em determinadas ocasiões, nomeadamente durante o triunfo dos imperadores vitoriosos e em festas populares como as *Liberalia* celebradas no dia 17 de Março. Nesta ocasião este ídolo era conduzido entre cantos luxuriantes do campo para a cidade com o objectivo de favorecer as colheitas e de as proteger. A propósito fazia-se uma procissão que terminava no fórum que incluía a cerimónia da passagem da infância à vida pública dos rapazes, altura em que estes deixavam a toga *praetexta* para vestir a toga viril (*dies virilis togas*) que era de cor branca.

Numa das colinas de Roma, no cimo da Vélia, havia um santuário singular, cuja «divindade» denominada *Mutunus Tutunus* era representada na forma de um membro viril. A imagem desta divindade tinha também o seu lugar nos quartos de dormir, sendo propícia no dia do casamento de modo a que as recém-casadas se sentassem sobre a sua imagem para consagrar as premissas da virgindade à divindade.

Um outro motivo frequentemente usado no mundo romano estava representado pelas hermas itifálicas. Iconograficamente eram representadas em forma de pilastra quadrangular, com base, encimada com a cabeça do deus barbado, ocasionalmente com elmo.

⁵ Pomeroy, 1987, 232.

⁶ Grimal, 1995, 47-48.

Na cultura romana havia também outros deuses assimiláveis às hermas itifálicas como no caso de um deus menor conhecido por Priapo. Este era representado por uma figura fálica, embora possuísse com frequência um corpo humano idoso. Priapo, originário de Lâmpsaco, na Ásia Menor, empunhava o falo como se fosse uma arma a fim de proteger dos ladrões as hortas, os pomares e os jardins. Quando não esculpida a sua imagem era talhada em madeira de figueira, normalmente pintada de vermelho que iconograficamente podem ser assimiladas às hermas itifálicas acima referidas. O seu falo constituía uma ameaça e uma manifestação do poder, nas palavras de Horácio (Sat. I, 8), «um espantalho obsceno». Este deus menor é mencionado na denominada literatura satírica, paródica ou simplesmente humorística, geralmente epigramas a que se dá o nome de *Priapea*. Conhecem-se, entre outros, uma série de epigramas priápicos na literatura grega, essencialmente na *Anthologia Palatina*. Na literatura latina temos poemas que podem ser catalogados na *Appendix Vergiliana*, e, sobretudo, em Marcial. Os mais representativos estão, no entanto, reunidos numa antologia conhecida como *Carmina Priapea* ou *Corpus Priapeorum* que contém oitenta e seis pequenos poemas dedicados a este deus.

Como referimos, na iconografia da arte greco-romana o falo ocupa um lugar bem definido. Pertencia, por tradição, a um clima de alegria desenfreado quase sempre de natureza afável e parte integrante do cortejo dionisíaco. Deste cortejo faziam parte os Sátiros e os Silenos, criaturas brincalhonas e lascivas que assumiam, por vezes, atitudes cómicas e patéticas. Em Itália, a religião dionisíaca expandiu-se nos finais do século III a. C. Um pouco por toda a parte existiam colégios de bacantes para celebrar os seus mistérios. Apesar das resistências de alguns senadores, o misticismo e a sensualidade destes rituais vão-se impor. Há relatos de que os devotos dos dois sexos se entregavam a orgias, podendo incluir sacrifícios humanos. As bacanais tinham chegado a Roma. As mais famosas ocorriam em Dezembro nas festas designadas por *Saturnalia*, no solstício de inverso. Inicialmente secretas, consistiam em festas nocturnas apenas frequentadas por mulheres durante três dias do ano. No mesmo ambiente de secretismo, posteriormente os homens foram admitidos nos seus rituais e suas as comemorações passaram a ocorrer cinco vezes por mês. A sua má reputação – conhecidas pelas mais grotescas vulgaridades e onde ocorriam e se planeavam muitas das conspirações políticas – levou à publicação de um decreto por parte do senado em 186 a. C., proibindo a sua realização em Roma e em toda a Itália. Mais tarde, e na impossibilidade de impedir a realização de bacanais, o senado passou a admiti-los sob determinadas condições: quem quisesse promover um bacanal tinha de ir a

Roma, fazer uma declaração prévia ao pretor da cidade e aguardar a permissão do senado, que devia ser dada em sessão com a presença de pelo menos cem senadores.

Mas os Romanos desenvolveram, a partir da tradição grega, uma versão própria da religião dionisiaca, que incluía cerimónias místicas durante as quais um símbolo fálico era transportado dentro de um cesto para a crivação do cereal. Ao símbolo fálico a superstição popular continuou, por longo tempo, a atribuir a capacidade de esconjurar o mal e de trazer sorte ou fortuna, sendo o seu símbolo frequentemente utilizado para erigir memoriais públicos e colocados junto às soleiras das portas e nas encruzilhadas.

Estas fantasias míticas, este medo e esta esperança, deram lugar a imagens que, pelo conteúdo, se podem indubitavelmente chamar eróticas. Os antigos acreditavam que o órgão masculino (chamado *fascinum*, da palavra *fas*, «favorável») era um talismã da fertilidade e da prosperidade, potenciador de afastar os maus espíritos⁷. O costume requeria que os talismãs fálicos fossem usados livremente e expostos aos olhos de todos, de modo a provocar o riso e, desta maneira, distrair do «mau-olhado» e diminuir a sua força maléfica. Os Romanos, em especial as mulheres e as crianças, usavam estes símbolos apotropaicos como amuletos e objectos de adorno, dos quais se destacam os motivos de *phallus* representados *cum testiculis* e *cum scroto*.

3. O mundo dos deuses

As representações mais significativas, sob o ponto de vista dos temas eróticos, estão ligadas ao já referido deus do vinho, Diónisos, Baco na concepção romana. Símbolo sobretudo da vida e, na qualidade de deus que morre e renasce, da vegetação, Diónisos é uma divindade complexa⁸. A sua identificação com o vinho coloca-o em relação com Eros, como evidente alusão aos efeitos da bebida na esfera erótica. O ritual homofágico é, juntamente com a dança orgiástica, a mais particular expressão do rito misterioso deste deus, representando uma inversão das convenções sociais, o domínio do inconsciente sobre o racional⁹. Na sua esteira constitui-se uma iconografia específica na qual o elemento erótico é predominante, associado ao desenfreamento báquico do cortejo do deus: a esfera saltitante dos Sátiros e dos Silenos. Esta é uma população pouco atraída pelos seres humanos. Quase todas as cenas eróticas da arte antiga, na qual um amante de sexo masculino copula com um parceiro animalesco, estão representadas por Sátiros e seus semelhantes: o Sileno abraça um gama e o Pã

⁷ Clarke, 2003, 97.

⁸ Ghiandoni, 1989a, 26.

⁹ Ghiandoni, 1989b, 99.

encontra prazer numa cabra. Os Sátiros eram deuses menores, considerados filhos de Hermes/Mercúrio, irmãos das ninfas das montanhas. É frequente vê-los representados a dançar, a saltar e a tocar a flauta que os pastores julgavam ouvir, nas florestas e no alto das montanhas.

As relações entre Sátiros e as mulheres não são fáceis. Na maioria dos exemplos, as Ménades ou Bacantes, possuídas por Diónisos/Baco, repudiam os Sátiros perseguidores.

No mundo romano o motivo dos centauros tem também um papel predominante na evocação das cenas báquicas¹⁰. Este motivo não é, todavia, exclusivo do mundo romano. De facto, este tema encontra-se já explorado no mundo grego, como se documenta num *kratêr*-de-sino ático de figuras vermelhas do pintor de Filottrano datado de cerca de 369 a. C. e actualmente no Museu Arqueológico Nacional de Ferrara (inv. 10459)¹¹.

O culto dedicado a Diónisos/Baco segrega uma «crise sacrificial» que assinala o desmoronar da ordem cultural. Em Roma os seus mistérios deram desde cedo origem a escândalos memoráveis com execuções sumárias e banimento de pessoas da alta sociedade neles envolvidos. Idílio que se transforma em pesadelo, a bacanal aparece como o protótipo desta festa sangrenta, um modelo de rito sexual de devassidão. Certos autores representam cristãos amarrados no circo, não para serem despedaçados, mas para suportarem as mais obscenas carícias. Bacantes e faunos lascivos atiram-se a eles e trabalham-nos com as mãos e a boca. Tigelino, o prefeito do pretório de Nero, elogia-lhe estes últimos ultrajes: «Vê estes jovens, estas raparigas, estes jovens até que soluçam de volúpia, que mordem as faces e amaldiçoam os seus possuidores!».

Associado à figura de Diónisos/Baco temos também a figura de Sileno, o deus que têm o papel de aio na sua educação. Sileno é frequentemente representado como um velho gordo e muito feio, de feições grosseiras, muitas vezes montado num burro, sempre embriagado, estado em que tinha o dom de fazer profecias.

Mas os deuses do amor por excelência estavam representados por Eros e Afrodite, deuses que se complementavam nos seus atributos. Eros era entendido como uma força implacável da natureza que dominava os homens, uma potência à qual os próprios deuses se lhe submetiam. Como se sabe, na *Teogonia* de Hesíodo, este coloca Eros entre as divindades protagonistas da origem do mundo, fazendo-o nascer depois do Caos, junto com Geia, a Terra, e atribui-lhe a qualidade de um deus, «entre todos os imortais o mais belo», que domina a vontade dos homens e dos *numi*. Trata-se de uma

¹⁰ Van de Grift, 1984, 381-382.

¹¹ Vd. Rausa, 1989, 88, nº 37; 89.

das divindades mais representadas no mundo romano, frequentemente assimilável ao Amor, Cupido ou Génio.

A deusa Afrodite, Vénus na concepção romana, presidia, por seu lado, à união sexual. É assim significativo que para os Romanos o deus por excelência das relações amorosas seja Vénus e não Eros. Quando Lucrécio quis dar um nome ao poder universal do amor, foi o de Vénus que ele escolheu. Vénus atormenta as almas. Assim o ilustra um grafito de Pompeia quando um amante desiludido declara que gostaria de «quebrar as costas à deusa a golpes de cacete»¹². Vénus fora a divindade protectora de eminentes chefes militares romanos como Sula (*Venus Félix*), Pompeio Magno (*Venus Victrix*), e César (*Venus Genitrix*). No período alto imperial esta é a deusa progenitora do povo romano, sendo frequentes as suas estátuas nos edifícios públicos importantes e nas casas mais abastadas das elites locais.

No património religioso da Antiguidade greco-romana o mito pode ser classificado como uma narrativa religiosa. Como se irá constatar, algumas das suas representações fornecem valiosas informações sobre as imagens eróticas da arte clássica. A este propósito podem citar-se as relações amorosas dos deuses e heroínas e histórias famosas que relatam a cúpula de seres humanos com um animal divino. De entre os deuses, Zeus era particularmente libidinoso e engenhoso, tomando diferentes formas para atingir os seus fins.

Conhecida é a história do rapto de Ganimedes. Segundo a mitologia grega, Ganimedes era extraordinariamente belo. Guardava os rebanhos do pai nas montanhas à volta de Tróia, quando Zeus, em pessoa ou sob a forma de uma águia, o raptou e o levou para o Olimpo, passando aquele a desempenhar as funções de escanção do néctar dos deuses.

A Zeus também se atribuiu o rapto de Europa. A propósito, Ovídio, nas *Metamorfoses*, fornece-nos uma descrição fascinante: segundo esta descrição a bonita Europa, entendida como filha do rei fenício Agenor de Tiro ou Sídón, brincava com a sua amiga numa praia da sua terra natal e apanhava flores. Zeus (Júpiter), o mais elevado dos deuses do Olimpo, aproximou-se na figura de um branco e vistoso touro, e convenceu-a a sentar-se no seu dorso. Europa, mais corajosa do que a sua companheira de brincadeiras, aceitou o convite e é levada para Creta. Aí se une a Zeus que retoma de novo a sua imagem, fazendo-a gerar Minos e Radamanto. Ainda segundo Ovídio, nasceria desta união um terceiro filho, Sarpédon, um dos mais gloriosos heróis de Tróia.

¹² *Apud Grimal, 1995, 275.*

A história do rapto da Europa foi motivo de diversas representações iconográficas. Um estudo de Angelika Dierichs¹³, dá-nos conta da diversidade de suportes com este tema: esculturas, relevos, pinturas em vasos, terracotas, lucernas, moedas, gemas, pinturas murais e mosaicos.

Mas, de acordo com os critérios modernos, apesar do seu conteúdo amoroso estas representações não são declaradamente eróticas. A única exceção está representada pelo rapto de Leda que recebe Zeus sob a forma de cisne.

De entre as deusas mais importantes para o que podemos designar de emancipação feminina, destaca-se a deusa Ísis. Esta deusa foi celebrada no romance de Apuleio, *O Burro de Ouro*¹⁴. O seu culto impõe-se gradualmente, sobrepondo-se aos cultos tradicionais da religião romana. Ísis é o princípio «feminino», a protectora das mulheres, a responsável por ter ensinado o amor aos seres humanos. Ísis orientava a conduta das mulheres, impunha-lhes penitências e períodos de castidade ritual, através de ritos de purificação que duravam dez dias, mas também as agraciava revelando-lhes a sua dignidade e poder. Tanto as mulheres respeitáveis como as prostitutas se identificavam neste culto. Nele as mulheres encontram a satisfação social e a gratificação sexual. Esta deusa recrutava numerosas devotas entre as *meretrices* porque a «Boa Mãe», cuja «mão caritativa» foi louvada por Apuleio, é misericordiosa para as infelizes e promete-lhes redenção¹⁵.

Mas Ísis não era apenas a deusa por excelência das mulheres. É, de facto, impressionante a expansão do seu culto no Império: os seus adoradores eram de todos os lugares, de todos os sexos e de todas as idades. O seu culto está documentado em Itália durante os finais do século II/inícios do século I a. C. nas cidades da Campânia. Em Roma, apesar da existência de um colégio no tempo de Sula, apenas será reconhecido oficialmente no tempo de Nero. A partir daí o seu culto era demasiadamente popular para ser suprimido, levando ao restauro de templos antigos e à construção de novas edificações sagradas em sua honra. Mas uma das principais razões para a difusão do seu culto está relacionada com as questões económicas. Entre os romanos o seu culto chegou pelo Mediterrâneo, através dos mercadores, dos viajantes e das próprias conquistas romanas. A comprová-lo uma das maiores festividades em sua honra, a chamada *Navigium Isidis*, que consistia na abertura oficial da temporada da navegação.

¹³ Dierichs, 1995, 415-436.

¹⁴ Vd. trad. Leão, 2007.

¹⁵ Salles, 1998, 99.

4. O mundo da fantasia

De acordo com Ovídio¹⁶, Hermafrodito, filho de Vénus e Mercúrio, iniciou a sua vida como uma criança masculina. Salmacis, a ninfa das fontes, apaixonou-se pelo rapaz mas ele sistematicamente a rejeitou. Mas quando Hermafrodito mergulhou na fonte, os deuses uniram ambos, criando uma pessoa com características masculinas e femininas. Dizem os Gregos¹⁷ que Hermafrodito herdou dos seus pais a beleza feminina juntamente com uma espécie de força masculina. Desta forma, é segundo os seus atributos um andrógino, um intersexual, como hoje se denominam. Contudo, o Hermafrodito não era uma representação caprichosa, mas antes um produto da fantasia artística. Ele representava para eles como que uma extensão da atracção erótica e sexual. As mais antigas referências e representações reportam-se ao século IV a. C., um período em que se tomou consciência da instabilidade das fronteiras sexuais e dos papéis fixos, transformando-a plasticamente em diferentes suportes iconográficos¹⁸.

A representação de pigmeus e da figura de negróides possuidores de falos de grandes dimensões na iconografia romana é frequente. Ambas as representações foram veiculadas através do helenismo alexandrino. A representação de pigmeus, associados a paisagens nilóticas, fazia as delícias dos artistas e clientes, representando-os, frequentemente, em situações de grande erotismo e nas mais variadas posições sexuais. Exorciza-se, nestas representações, o contrário dos corpos ideais: eles são baixos ou pequenos e têm cabeças proporcionalmente grandes, os homens são notavelmente macrofálicos e as mulheres possuem grandes seios com traseiros protuberantes. Estes tomam o lugar dos míticos sátiros e ménades; são perfeitas caricaturas expostas em cenários de natureza sexual selvagem e motivo de escárnio e riso.

Como acima referimos, era também frequente a representação de negros de origem etíope. Estes eram representados com grandes falos e proeminentes erecções, ainda que não necessariamente associados a situações que poderíamos descrever sexuais. De facto, estas representações têm um carácter apotropaico: os grandes falos eram representados contra qualquer tipo de mau-olhado ou outro tipo de malícias e não como estímulo sexual.

¹⁶ *Metamorfoses* 4, 285-388.

¹⁷ D.S. 4, 6, 5.

¹⁸ Oehmke, 2006, 39-44.

5. O mundo dos mortais

A sociedade romana, tal com a grega, era escravagista. As grandes cidades, em particular Roma, tinham também uma numerosa população de residentes estrangeiros que incluíam as mulheres que viviam da prostituição (mulheres que tinham relações com uma série de clientes) e as *meretrices* (mulheres que procuravam estabelecer relações a longo prazo com homens ricos e atraentes). As prostitutas tinham como função essencial a de preservar a família, evitando aos homens o perigo do adultério, proporcionando-lhes prazeres sem futuro nem consequências.

As prostitutas estavam oficialmente associadas e uma vez por ano participavam em jogos organizados em prol da salvaguarda do povo romano. Nas Florálias, em honra de Flora a deusa da vegetação, o ponto máximo da celebração consistia no desfile das cortesãs da cidade que dançavam nuas e interpretavam mimos eróticos.

Além dos locais específicos de prostituição, como os lupanares (de *lupanar*), muitas mulheres trabalhavam como empregadas nas estalagens, tabernas e balcões, servindo bebidas e comidas. Estas eram eleitas sem dúvida pela sua habilidade para atrair clientes; por vezes as tabernas tinham pequenos cubículos (*cella meretricia*) nos andares superiores para consumir a prostituição. Os nomes das empregadas e das prostitutas encontram-se com frequência grafitados nas paredes, como nos demonstram os vestígios de Pompeia. Os grafitos referem-se aos vícios e atractivos das mulheres e indicam que algumas delas se poderiam «obter» por dois asses – o preço de uma fornada de pão. Mas esta quantia devia ser mais um insulto do que o preço real. O preço mais alto, neste tipo de estabelecimentos deveria rondar os dezasseis asses. Por norma os lupanares acolhiam uma clientela de homens de fracos rendimentos e os escravos. Os homens das classes abastadas não tinham necessidade – salvo intenção contrária – de se misturar com a multidão, pois dispunham, nas suas casas, de escravos – mulheres e jovens de ambos os sexos – que lhes permitia satisfazer os seus desejos. Em Roma os *lupanares* encontravam-se especialmente concentrados no Esquilino e no Circo Máximo, sendo que os mais elegantes se encontravam na IV região. Estes, geralmente identificados na rua por um grande falo que era iluminado de noite, estavam decorados com pinturas murais alusivas ao sexo, sendo frequente encontrar nas portas uma lista de preços e serviços.

A prostituição era reconhecida e sujeita a impostos. Os bordéis eram vistos por alguns como uma respeitável inversão, mas a comédia romana mostra que os *lenones*, aqueles que comercializavam com prostitutas, não eram particularmente apreciados¹⁹.

¹⁹ Pomeroy, 1987, 224.

As prostitutas eram educadas para a conversação e para o prazer. Estas deviam vestir de forma diferente e pintar o cabelo ou usar perucas amareladas. Deviam ainda estar inscritas em registos oficiais, contando-se em cerca de 32 000 mil as prostitutas inscritas no ano 1 da nossa era, na cidade de Roma!

De entre as diversas «tarefas» das prostitutas constava a *fellatio*, um acto sexual proibido às mulheres das altas elites. De facto, os Romanos preocupavam-se em particular com a pureza e o cuidado da boca. Era o órgão do discurso e, acima de tudo, o órgão da oratória pública. As interações sociais também assim o exigiam, já que era costume, entre as mesmas classes sociais, beijar quando se cumprimentavam. No entanto, ainda que os textos oratórios ou forenses não acusassem as mulheres de possuírem bocas impuras por praticarem actos da *fellatio*, o mesmo não se pode dizer relativamente aos homens.

Também o *cunnilingus* era considerado um acto sexual impuro (*os impurum*). Também cenas desta natureza estavam representadas em pinturas murais nos banhos suburbanos de Pompeia.

O mais grave de todos era, porém, a *irrumatio*. Para o homem adulto, cidadão romano, este era o castigo mais humilhante a que se podia ser submetido. A sua prática era considerada um autêntico crime, como qualquer forma de *impudicitia* ou passividade sexual, reservada às mulheres, escravos e libertos.

No que à homossexualidade diz respeito, o tema é igualmente complexo. A homossexualidade é provavelmente o mais conhecido dos fogos ateados por Afrodite ou Vénus, seguindo o precedente aberto pelo próprio Zeus, que, como vimos, raptou o príncipe troiano Ganimedes para ser o seu «portador da taça» no Olimpo. Como sabiamente demonstrou K. Dover²⁰, a homossexualidade na Grécia não era vista como alternativa à heterossexualidade, mas como uma adição. Com algumas diferenças, o mesmo se poderá dizer relativamente ao mundo romano.

A mesma noção pode ser encontrada numa obra recentemente publicada (2006) intitulada *Same-Sex Desire and Love in Greco-Roman Antiquity and in the Classical Tradition of the West*, da autoria de Beert C. Verstraete e Vernon L. Provençal, que traça a evolução conceptual da homossexualidade no mundo greco-romano e a sua influencia ao longo da história até aos dias de hoje.

Os romanos toleravam as relações entre escravos e seus senhores, podendo estes ter os seus rapazes preferidos, desde que estes tivessem o papel activo no coito. Segundo Craig A. Williams²¹, na cultura romana deve estabelecer-se dois géneros diferentes

²⁰ Dover, 1989, 9.

²¹ Williams, 1999, 9-10.

de contacto amoroso baseados na oposição penetrador/penetrado: um primeiro, constituído pelos verdadeiros homens activos e penetradores; um segundo, constituído pelos penetrados (abrangendo as mulheres, os rapazes e os escravos). A maior infâmia (do latim *infamia*) de tipo sexual que se podia lançar a um cidadão romano era o de desempenhar um papel passivo numa relação sexual. A homossexualidade – ou para ser mais preciso a «pseudo-homossexualidade» – não encontrava nada de estranho na coexistência, numa mesma pessoa, do desejo por um rapaz ou por uma rapariga. No sexo o que conta é não ser escravo ou não ser passivo (*impudicus*). Severamente criticados e reprimidos eram os rapazes considerados efeminados, um *cinaedus*.

Do mesmo modo que os Antigos censuravam a homofilia também censuravam o amor, as cortesãs e as relações extraconjugais. O que era importante era respeitar as mulheres casadas, as virgens e os adolescentes de nascimento livre. Afrodite ou Vénus, ainda que mulher, não era hostil ao desejo homossexual; estas relações eram, de resto, designadas com o termo *aphrodisia*, tal como nas relações heterossexuais. Na verdade, o termo «homossexual» e o seu paralelo «heterossexual» foram empregues pela primeira vez na Alemanha da década de 1870 por Richard Krafft-Ebing²². Como referiu Michel Foucault, na Antiguidade grega e romana, não só não existe a noção de sexualidade, como também não existe a de homossexualidade.

Os primeiros testemunhos literários que retractam um caso de amor correspondem a epigramas pederásticos, escritos nos inícios do século I a. C., retomando a tradição alexandrina sobre o tema²³. De um modo geral, a homossexualidade romana não é nem um caso de amor nem de uma total liberdade na orientação do desejo. Os concubinatos homossexuais masculinos são por norma relações temporárias constituídas por um homem e um seu dependente sexual. Podem-se encontrar, todavia, casais homossexuais – não raro duradouros – tendo como modelo o caso de Adriano e Antínoo.

A homossexualidade feminina está igualmente documentada em época romana. Esta foi motivo de críticas severas em Juvenal e Marcial, quando caluniaram a suposta libertinagem das mulheres que pretendiam usufruir da maior liberalização dos costumes, acusando-as de *tribades* (lésbicas). Mas a verdade é que as pinturas murais revelaram cenas deste género. Trata-se de imagens explícitas de mulheres, uma das quais possui a outra por detrás usando um falo postiço²⁴.

No imaginário greco-romano a homossexualidade feminina estava também ligada ao amor homossexual cantado por Safo, a maior poetisa da Antiguidade. Safo, a

²² Vd. Goldhill, 2006, 112.

²³ Grimal, 2005, 13.

²⁴ Clark, 2003, 127.

lésbica, era conhecida pelos seus poemas ardentes, sensuais e eróticos, mas também se tornou objecto de gracejos mais ou menos obscenos, como nos dá a conhecer um autor anónimo de um papiro de Oxirrinco: «Ela era criticada por alguns por ter caído na imoralidade e por se ter enamorado de mulheres»²⁵.

As práticas homossexuais apenas passaram a ser proibidas, sob pena de morte, no século IV da era cristã, com o imperador Constantino (342). Apoiando-se em textos religiosos os imperadores cristãos, preocupados em incutir numa sociedade diferenciada os mesmos valores não tardam em reprimir as liberdades sexuais. Em 342, as leis de Constância e Constâncio, já prevêm a castração dos homossexuais passivos. As relações entre homens (ou pessoas do mesmo sexo), adquirem o estatuto de «crime contra a natureza», como se constata nas obras de Santo Agostinho (354-430). Nas leis aplicadas no reinado de Teodósio (379-395) e, mais tarde, no reinado de Justiniano (527-565), já se prevê a fogueira para os actos de homossexualidade, sendo por este último imperador classificadas como actos de luxúria e abominados e odiados por Deus.

Ainda no que respeita ao modo como os romanos encaravam a sexualidade, podemos-nos interrogar da existência ou não de elementos sadomasoquistas, no sentido lato do termo. Frequentemente recorre-se às cenas dos anfiteatros ou da crueldade no trato com os escravos ou ainda de actos sadísticos de determinadas personalidades romanas como exemplos de tais comportamentos. No entanto, regra geral, os especialistas na história da sexualidade romana são unânimes em afirmar que o sadomasoquismo, no sentido mais restrito do conceito, ainda não se encontra comprovado. Se atentarmos, todavia, na existência de alguns testemunhos escritos, em especial elegias dos finais do período republicano e inícios do período imperial, podem perscrutar-se indícios de tais comportamentos. A estes testemunhos escritos devem ainda ser adicionados outros documentos de carácter arqueológico, com especial destaque para os designados medalhões de aplique. Estes fazem parte de uma tradição do vale do Ródano, datáveis do período médio e tardo imperial, que consiste na manufactura em moldes bivalves de discos com relevos, designados de medalhões de aplique, que, como o termo indica, se destinavam a aplicar na parede de vasos de cerâmica. Entre os temas favoritos das imagens destes medalhões fazem parte o mundo dos deuses, as sagas de heróis, cenas de circo e de anfiteatro e – em cerca de um quinto dos tipos conhecidos – eróticos. Os exemplares com motivos eróticos, por vezes com palavras e frases alusivas e provocatórias, representam um autêntico Kama-Sutra do

²⁵ *Apud* Mossé, 1998, 52.

sexo, com todas as variedades possíveis e de forma bastante explícita. Pelo tipo de representação e pelas palavras ou frases alusivas muitos podem considerar-se como fortes indicadores de atitudes que hoje rotularíamos de sadomasoquistas.

Embora a origem do sadomasoquismo seja procurada na mentalidade cristã por a maioria dos especialistas que tratam da temática da evolução da sexualidade ao longo da história, a verdade é que não devemos deixar de considerar as evidências literárias, ainda que parcas, e os testemunhos arqueológicos, magnificamente exemplificados pelos medalhões de aplique²⁶. Pelo menos as fantasias sexuais e determinadas atitudes que poderíamos apelidar de sadomasoquistas, no sentido restrito do conceito, parecem ter tido lugar entre os romanos. Um aspecto é evidente: associado a estas práticas temos uma determinada emancipação da mulher, como bem evidenciam as elegias que nos dão conta do papel do homem, colocado ao serviço da amante. Este serviço, o *seruitium amoris* (escravo do amor) exigia completa obediência aos desejos e caprichos da parceira. Consequentemente, esta passou a ser denominada «senhora», *domina*, colocando o homem ao seu serviço. Nestas elegias o amante era comparado com os soldados, daí o uso da metáfora *militia amoris*, nas quais estes devem aguentar as ordens e as derrotas infligidas, neste caso pelas mulheres.

Apesar de pontuais e intimamente relacionados com alguns imperadores conhecem-se, pelas fontes, actos que poríamos considerar de puro sadomasoquismo gratuito. A propósito, uma obra publicada em 2005, intitulada *Sex Lives of the Roman Emperors*, da autoria de Nigel Cawthorne, faz uma resenha da vida sexual e de algumas singularidades chocantes de como alguns imperadores lidavam com a sexualidade. De entre as fontes mais conhecidas, mas não a única, temos a obra de Suetónio, *As Vidas dos Doze Césares*, escritas durante o reinado de Adriano (117-138). Cada uma das biografias inclui um capítulo sobre as preferências sexuais do respectivo imperador, emitindo opiniões e comentando-as.

6. Apreciação final

A abundante iconografia sobre o amor romano seria por si só indicativa de que se trata de uma manifestação puramente física do desejo, uma componente da vida humana. Ao contrário da pornografia contemporânea – um conceito aliás apenas criado em 1850 por C. O. Muller²⁷ –, estas representações do desejo físico ilustram, geralmente, uma narrativa na qual a sucessão cronológica é por força das circunstân-

²⁶ Thüry, 2001, 571-576.

²⁷ Vd. Clarke, 2003, 11.

cias uma imagem estática devido à natureza do suporte; por outro lado, e sobretudo, estas imagens inscrevem-se num contexto frequentemente mítico ou ritual, muitas vezes de difícil percepção.

Tal como na Grécia, a crença religiosa, a invenção mítica e o costume ritual são os três factores que contribuíram para introduzir os temas sexuais na arte romana. Uma vez instituída, a arte erótica decresce nas motivações religiosas e míticas, passando a representar situações sociais e actos realizados por pessoas reais e não de personagens míticas. O material de que dispomos é hoje suficiente para traçar uma antropologia geral ou uma sociologia da arte erótica romana.

A maior parte da população romana de condições inferiores não preenchia os «requisitos» morais e éticos, propositadamente criados pelas elites. A maior parte da população exercia profissões menos nobres, relacionadas com as actividades produtivas e o comércio. Para esta população, como se pode constatar nos grafitos encontrados em Pompeia, a noção de masculinidade perde o seu valor; os homens passam agora a ser objecto de sujeição. Por outras palavras, o que se constata nos grafitos é uma mudança dos parâmetros sexuais e afectivos dos homens e das mulheres bem diferentes dos valores preconizados pelas elites. Aqui os homens e as mulheres interagem. O perfil de masculino formula-se em conformidade com o feminino, uma concórdia estabelecida entre aqueles que compartilham os mesmos trabalhos, as mesmas sortes e os mesmos infortúnios. A vivência sexual e afectiva, originária dessa experiência comum, é que orientava o seu prazer e felicidade.